

BIBLIOTHECA NACIONAL

M.R.

626

ALEXANDRE HERCULANO

E O CLERO REACCIONARIO.

ANTES E DEPOIS DA SUA MORTE

POR

SOUZA MOREIRA

SOCIO CORRESPONDENTE DO INSTITUTO LITTERARIO
DO RIO DE JANEIRO



6-2

PORTO

ESCRITORIO DA EMPREZA

RUA DO ALMADA, 209—1.º

1877

UNIVERSITY OF CALIFORNIA

LIBRARY

1915

1915

Est-6

Prot-2

Y-22v

L-10

ALEXANDRE HERCULANO E O CLERO REACCIONARIO



BIBLIOTHECA NACIONAL

ALEXANDRE HERCULANO

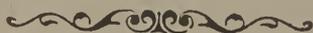
E O CLERO REACCIONARIO.

ANTES E DEPOIS DA SUA MORTE

POR

SOUZA MOREIRA

SOCIO CORRESPONDENTE DO INSTITUTO LITTERARIO
DO RIO DE JANEIRO



003323

PORTO
ESCRITORIO DA EMPREZA
RUA DO ALMADA, 209—1.º

—
1877

A propriedade d'este Opusculo pertence, no imperio do Brazil,
ao Ill.^{mo} Snr. Adriano de Castro, residente no Rio de Janeiro.

A QUEM LER

Sei que este meu pobre escripto se recente da precipitação com que fôra traçado; porem como a consciencia me segreda que a intenção é louvavel, vou fiado em que ella attenuará as muitas imperfeições d'elle e o meu arrojo tambem.

Aguardo os conselhos da critica, porque, seja dito com franqueza, o meu fim é aprender.



ALEXANDRE HERCULANO

E O CLERO FANATICO.

(ANTES E DEPOIS DA SUA MORTE)

Garrett foi a phantasia, Castilho foi a musica;
mas Herculano foi o pensamento.

PINHEIRO CHAGAS—*Diario da Manhã.*

Alexandre Herculano já não existe?

Pungente realidade!

O paiz, ao receber a noticia da sua morte, exclamou, ferido de verdadeiro assombro: «Parece impossivel!..».

Parecia-lhe impossivel que o raio fulminasse o gigante, que o tempo destruísse o colosso.

Assim como a mãe extremosa — ao vêr seu filho no atháude — ainda se persuade de que elle não morreu; assim a patria de Herculano, pelo extremado e bem merecido amor que lhe votara, não quiz acreditar que seu filho houvesse repousado para sempre.

É que a realidade é bem triste...

Os discipulos de Jesus julgaram vêr e ouvir o seu mestre, depois que o anjo da morte lhe trouxe o repousar, porque lhes repugnava a idéa que elle fosse dos vermes.

Alexandre Herculano desapareceu dentre nós; escondeu-se na cella sombria onde o coração não pulsa!

Alfim, o guerreiro descansou!...

Envolveu-se nas trevas—quem sempre andou com a luz!

Vigoroso foi o pulso desse Napoleão da Idéa, e generosa a sua alma — onde florescia crenças puríssimas e medravam convicções profundas.

Mas desleaes e cobardes foram os do arraial contrario! porém Alexandre com a espada da virtude e do talento ia abrindo feridas de morte nas hostes inimigas, que viam quasi escalavrado o estandarte do fanatismo catholico.

Os bons de coração abençoavam o braço que assim batalhava em prol da Cruz, porque sabiam quaes as intenções do luctador; porém os hypocritas do altar, os gurgulhos dos celleiros da philosophia christã, esses, ou saram ferir o gigante—destemido pela virtude e invulneravel pelo talento — com as infamias planeadas no silencio sacrilego das sacristias.

Mas qualquer arma que o fanatismo esgrimisse, era feita pedaços ao primeiro bote d'esse Alexandre da Idéa!

*
*
*

Herculano não morreu!...

Saibam os que exultaram com a sua morte, que elle vive nos monumentos legados pelo seu genio verdadeiramente peregrino ao paiz que o chora! Saibam que elle gemerá com a patria — quando esta arrastar as bragas da escravidão! que estará ao lado da Cruz — quando o fanatismo fôr sentar-se nos seus degraus como mendigo hypocrita! e que defenderá sempre a virtude e a verdade — quando alguém quizer esfarrapar o manto constellado d'estas rai-nhas do mundo!

Herculano vive nas obras que nos legou, as quaes são mais duradouras que mil columnas de marmore e mil estatuas de bronze, que a patria lhe levante em cada praça!

Se o corpo do sabio entrou nos trabalhos da evolução physica, morrendo para o tracto dos que o idolatravam, em compensação—o seu espirito, qual phenix gigante, estende as suas asas de luz por sobre os que o choram.

«O sabio não vae todo á sepultura...».

Herculano faz lembrar aquelles heroes e sabios das lendas mythologicas, que eram collocados entre os astros pela imaginativa poetica da admiração.

E no céo brilhante—ainda que acanhado da nossa historia litteraria—fulgura elle entre o astro Garrett e o astro Castilho.

Portugal jamais poderá esquecer os valiosos serviços prestados por esse homem impeccavel como Jesus, inabalavel como Franklin, e cheio de talento como Walter Scott.

Os primeiros trabalhos de Alexandre Herculano, as primeiras manifestações desse talento que em breve se mostrou extraordinario, foram recebidas com um enthusiasmo desusado, e produziram sensação em todo o paiz.

Os seus escriptos vieram reviver o gosto da litteratura que andava embotado, e serviram de evangelho á mocidade d'então, que principiou a entrar—condusida pela mão do mestre—em um periodo de prosperidade litteraria verdadeiramente caracteristico.

A sua carreira foi esplendida desde os primeiros passos.

O vaticinio realisou-se:—esse genio sobrepujou todos os talentos que lhe precederam!

Alexandre Herculano, quer apparecesse como poeta, como romancista, como historiador, como pensador politico, era sempre aquelle espirito austero e verdadeiramente assombroso. Elevou-se na aza do seu engenho peregrino a espheras nunca sonhadas, venceu difficuldades que vigorosas

intelligencias reputavam como insuperaveis, e guiado pela verdade — ousou entrar no labyrintho sombrio da nossa historia, d'onde sahiu coberto de triumphos de uns e cheio de insultos de outros.

Os insultos — eram os ultimos gritos da velha sociedade que se desmoronava ao camartello do sabio; e os brados de triumpho eram os primeiros hymnos da sociedade que despertava á voz possante d'esse trabalhador incansavel.

Todos recebiam as lições do mestre como um verdadeiro evangelho; e uma poesia, um artigo de critica, um pequeno romance, tudo que dimanasse d'esse genio era recebido com justa sofreguidão pelos que prezavam o engrandecimento das letras.

Todos liam com avidez as suas publicações; e era tal a magia do seu estylo, a elevação dos pensamentos, a vernaculidade da linguagem, a selecção dos termos, a forma e a esthetica dos periodos, que ninguem podia fugir ao desejo de as lêr repetidas vezes. E quem não sabia de cór uma poesia sua, uma phrase, ou um trêcho do mestre?

As lições proveitosas de Alexandre Herculano influiram sobremodo na lingua e na litteratura contemporânea, as quaes se sentem visivelmente melhoradas com os resultados d'essa influencia.

Alexandre Herculano foi o mais popular, o mais estimado de quantos escriptores teem existido.

Na historia moderna da nossa litteratura brilham tres nomes, que fazem o orgulho d'este paiz, e que representam o renascimento litterario do começo d'este seculo; estes nomes são Garrett, Castilho, e Herculano. O primeiro manifesta-se unicamente pelo seu engenho creador e bom gosto litterario; Castilho, pela forma vernacula em que sabia vasar as torrentes do seu estro, mas Herculano, pela riqueza de imaginação, pelo estylo magico e solemne, pelo

seu espirito intuitivo e rigorosa argumentação, genio pensador, e estro olympico: cada periodo seu era um monumento de linguagem, cada phrase um sublime pensamento, cada idéa uma centelha de inspiração.

Pinheiro Chagas, escrevendo no seu bem redigido *Diario da Manhã* um bom artigo sobre a morte de Alexandre Herculano, conclue assim :

«Com Herculano desapareceu o unico representante que teve Portugal no grande movimento historico, que é o caracteristico e a gloria suprema do seculo XIX. Com Herculano desapareceu o unico penhor que Portugal de-
ra á Europa de que não estava completamente sequestrado do grande movimento scientifico e renovador do mundo moderno. Garrett mostrou que a phantasia portugueza sabia competir em engenho creador com a dos poetas que, no resto da Europa, iam procurar novas e opulentas fontes de magica inspiração ; Castilho mostrou que a nossa lingua, aperfeiçoada por elle, era um dos mais ricos instrumentos de que podia dispôr a palavra do homem ; Herculano levou Portugal ao convivio dos grandes pensadores, e deu á nacionalidade portugueza a consciencia de si propria ; Garrett foi a phantasia, Castilho foi a musica, mas Herculano foi o pensamento.»

Como historiador, Alexandre Herculano legou ao paiz um nome glorioso, como romancista occupa um lugar distincto, como philosopho e poeta attingiu summidades gigantes.

*
* *

Não é intento nosso fazer o elogio litterario do grande mestre ; isto requereria pulso firme e intelligencia vigorosa ; queremos unicamente fallar da guerra traiçoeira e cobarde que o clero fanatico lhe moveu, e dos insultos que

ultimamente lhe dirigiu—quando a lage do sepulcro o separou para sempre da vida.

Mas recordemos uma epocha das mais notaveis da vida do historiador.

Herculano, portuguez de lei, amante da sua patria como nenhum, quiz um dia, guiado pelo fio da verdade, entrar no labyrintho emmaranhado da nossa historia; o limiar era medonho, porem as trevas não o assustaram; os phantasmas dos milagres que guardavam a entrada, não conseguiram abalar a sua convicção profunda; e ei-lo empenhado na difficil tarefa de reconstruir a historia tal qual ella foi, e não como a architecturaram os chronistas milagreiros e fradescos, que a adulteraram—a fim de submettel-a ás trevas que caracterisavam essa epocha de decadencia.

Quem seria capaz de arcar com tamanhas difficuldades?

Alexandre Herculano faz lembrar um viajante intrepido, que caminha de noite por uma floresta sem receiar a crueza das feras, nem os phantasmas creados pela imaginação dos timoratos.

Prestou á historia do seu paiz relevantes serviços, e conquistou para ella verdades que a illuminaram; mas ás investigações gloriosas do pensador, o clero fanatico e intolerante oppoz uma barreira que Alexandre Herculano ia destruindo com o camartello da critica conscienciosa, e guiado unicamente pelo sentimento da verdade.

O partido ultramontano, que symbolisa um passado sombrio, viu-se perseguido nos seus antros e abalado nas suas idéas; os morcegos das sacristias, despertados então pela luz que Alexandre Herculano sabia irradiar, espreitavam a medo pelas frestas dos confessionarios, e chamavam a combate os seus irmãos; mas a claridade que elles viam lá fora era muita, e permaneciam de medrosos nas trevas onde planeavam ingratições.

Não conseguiram intimidar o gigante que proseguia nos seus trabalhos sem se importar com as pedradas que lhe arremessavam, e que iam cahir inertes aos pés do resignado e leal combatente!

A nossa historia andou por mãos de frades que quiseram dar-lhe a feição d'um livro milagreiro; todos aceitavam as patranhas que pesavam sobre ella, e ninguem ousava levantar o veo do maravilhoso.

Mas Alexandre Herculano que tinha por norma a verdade, e que sabia até onde podem chegar as creações do fanatismo, destruiu em breve a noite que envolvia a nossa historia, e emancipando-a d'essa dependencia rude, joeirou-a e reconstruiu-a.

Como historiador não sei quem foi mais longe.

O clero fanatico e o partido legitimista, esquecendo o auctor da *Harpa do Crente* e do *Parocho da Aldeia*, onde Herculano vasou as suas crenças profundamente religiosas, moveram-lhe uma guerra miseravel!

E com que fim?

Não sabiam elles que Alexandre Herculano fulminava o scepticismo e as impiedades da epocha—com o mesmo fogo e vehemencia com que destruia a superstição e os erros que nunciavam o seu paiz? Não sabiam elles que Herculano possuia uma alma tam generosa—que no dia do triumpho foi o primeiro a pedir clemencia para os vencidos? Não sabiam elles que este grande poeta abrigava em si o santo amor da patria, e que amava Deus como amava a verdade?...

Não sabiam elles que não podia ser atheïsta, quem consagrava a Deus uma parte da sua inspiração? Não sabiam que não podia ser irreligioso, quem desferia na sua harpa divina hymnos de amor repassados de unção commovedôra? E não sabiam finalmente, que não podia ser revolucionario, quem dava ao povo lições de p...?

Esqueciam tudo para accender odios!...

O milagre de Ourique e outras invenções do mesmo genero com que o espirito monastico quiz sellar as primeiras paginas da nossa historia, e que o pensador severo e consciencioso despresou, foram a causa primaria do conflicto.

Como dissemos, as sacristias foram então conspurcadas por esses demolidores da verdadeira Fé, que desejavam ferir quem tanto trabalhava em favor das crenças religiosas e das nossas veneraveis tradições.

O templo do Senhor transformou-se em arraial profano; do alto da tribuna sagrada fazia-se propaganda revolucionaria, e d'ahi amaldiçoava-se em termos insolitos o apostolo da verdade!

Alexandre Herculano foi chamado então a combater; e teve a coragem de fazer—elle só—guerra aberta e leal a um partido inteiro! E os seus eloquentes e corajosos brados que feriam como lanças, que destruiam como arietes, fizeram soltar gritos de maldição aos combatentes desleaes, que viam tomar vulto a liberdade da patria.

Alexandre Herculano é um d'estes homens privilegiados, cuja memoria o tempo nunca poderá apagar.

A guerra que o clero fanatico lhe moveu foi miseravel e desleal; e basta lêr-se o seguinte artigo de Alexandre Herculano para nos convencermos da verdade.

«Tem o clero a combater em mim um inveterado e perigoso inimigo? É o seu tão insano proceder um impeto de vingança, que o excita a repellir um perseguidor implacavel?... Como procedi sempre ácerca da igreja e do clero? As idéas do século recalcadas por uma compressão violenta, a que, forçada é confessá-lo, a maioria do sacerdocio se havia associado, tinham reagido violentamente, e assentavam triumphantes sobre as ruinas do passado quando eu entrei no campo da imprensa, no campo das

batalhas do espirito. De roda de mim jaziam os fragmentos da sociedade que fôra, e no meio delles o clero, disperso, empobrecido, cuberto de affrontas, experimentava as consequencias de um partido adverso e irritado. A situação da igreja portugueza nessa epocha, e sobretudo a situação dos regulares, sabemos todos qual era. Foram feridas de que, porventura, ainda mais de uma gotteja sangue. Os homens das velhas opiniões politicas, no meio do terror, vergados pelo desalento de uma queda tremenda, duplicadamente dolorosa pela desesperança, calavam. Nem uma voz amiga se alevantava nesta terra de Portugal, a favor da igreja batida pela tempestade. Ainda então esse grupo de mancebos cheios de talento, de inspirações grandiosas e de crença fervente na liberdade humana, e pela liberdade na eterna justiça; essa phalange, no meio da qual todos os dias apparecem novos soldados, e que não se envergonha de Deus nem do seu Christo, não tinha ainda começado a surgir para ser generosa, amplamente generosa, com os adversarios das suas idéas, quando a desventura os santifica. Na imprensa liberal, revolucionaria, impia, como quizeram chamar-lhe, eu, só eu, tive por muito tempo palavras de affeição e consolo para a desgraça; só eu tive animo para accusar os homens do meu partido de espoliadores e d'insensatos; para tentar revocá-los á poesia do christianismo, do eterno alliado da liberdade. A voz que do campo do progresso saudava o templo enluctado e deserto era debil, mas sincera: a mão que se estendia para amparar o sacerdote curvado sob o peso da agonia era bem pouco robusta, mas era leal! Como Yorick guardava a caixa do pobre franciscano entre os symbolos da sua religião de affectos, eu guardo para mim, e só para mim, mais de um papel escripto por mãos trémulas de velho monge, e talvez regado por lagrimas, em que se reconhecia a possibilidade de haver um homem das novas

idéas que não fosse absolutamente um malvado. É sobre estas reliquias que eu quero encostar a cabeça para dormir tranquillo o ultimo e longo somno em que todos devemos repousar.» (*Opusculos*, pag. 30, tomo 3; *Eu e o clero*.)

Este eloquente artigo — escripto com o fogo d'uma convicção profunda e com a verdadeira accentuação d'uma grande magua, mostra claramente o quão mal avisados andaram os que lhe moveram tam miseravel guerra.

O combate era inevitavel, a reacção devia operar-se.

O partido vencido e a facção clerical que o apoiava, por que entendessem que era necessario fermentar nova guerra para hastear mais uma vez nos campanarios e baluartes a flammula negra do fanatismo e da escravidão, empregaram mil esforços para realisar a chiméra; e Alexandre Herculano como era o unico homem que se destacava no meio do partido liberal, pois retemperara as suas convicções já profundas no fogo dos combates civis, quizeram refreiar-lhe o raptó audaz do seu ingenho.

Alexandre Herculano principiou bem cedo a ser martyr da liberdade que elle adorava, não como a deusa da licença, mas como garantia da ordem.

Vejamos :

Tendo o regimento n.º 4 de infantaria feito com 1831 uma tentativa de revolução em Lisboa contra o governo de D. Miguel, Alexandre Herculano ficou implicado n'ella, e foi obrigado a emigrar para Inglaterra, onde permaneceu por algum tempo. Contava então 21 annos. Da Inglaterra passou á França, e depois á ilha terceira onde se alistou como voluntario no batalhão de D. Maria II.

N'este lapso de tempo passou por provações bem crueis, as quaes mais e mais lhe accendiam n'alma o amor da liberdade !



O partido ultramontano — irmão collaço do despotismo, como presenciasse o nascimento de novas auroras, nuncias de liberdade [merecida, quiz galvanisar o cadaver que repousava aos pés da Liberdade como Satan aos pés do Anjo; e para isso fez do templo casa de propaganda sediciosa, offereceu a Deus sacrilegas oblatas no meio de negros pensamentos; e aproveitando alguns trechos dos escriptos de Alexandre Herculano, que iam de encontro ás opiniões que esse partido hauriu no veio da superstição e da ignorancia, começou então a propagar por toda a parte a impiedade do mestre.

O novo Galiléo era victima das machinações d'aquelles que desejavam resuscitar no seculo XIX e n'esta patria — as ignominias d'um passado que marca a degradação ultima da razão humana.

O novo Galiléo, possuido do sentimento da verdade, e sabedor convicto da causa e fins da guerra que lhe faziam, quiz então desmascarar os contrarios, e para isso arremessa á arena da publicidade um livro que fez blasphemar por impotente o partido das trevas; este livro tinha por nome—*Origem e estabelecimento da inquisição em Portugal*.

A sensação foi grande; mais se accenderam os odios, mais se uniram as fileiras, mais armas se forjaram, mais planos se conceberam. Porém baldado era o intento do clero fanatico, que desejava fazer um auto de fé aos livros de Herculano, e martyrisar o auctor em um d'aquelles instrumentos, que o espirito da maldade e da crueza inspirou aos dominicos.

Estas luctas eram as ultimas convulsões d'um moribundo; e o aspirar pelo passado—os lampejos finaes d'um partido recalçado violentamente pela compressão da liberdade.

Parece impossivel que n'este seculo, e depois do exem-

plo severo de tantas victimas sacrificadas nas masmorras sombrias, nos antros clericaes, que apparecesse alguem que ousasse ferir aquelle que havia sonhado por largo tempo com a emancipação da patria—pela liberdade civil e pela liberdade da razão!

É que os cogumellos da Hypocrisia haviam medrado á sombra da intolerancia; é que a semente da arvore maldita germinava ao calor que o fanatismo ia entretendo — para dar o luto ou a escravidão a esta patria.

Foram-se então desenvolvendo as radículas, a haste surgiu, elevou-se, criou rebentos, os ramos estenderam-se, as folhas enlaçaram-se, e a arvore já fazia sombra!

Mal sabiam elles que existia um homem que pensava no silencio do seu gabinete no immenso envenenamento d'essa mancenilha; e um dia esse homem resolveu dar-lhe um golpe fatal, para que não mais medrasse.

O golpe foi de mestre, e a arvore cahiu !...

* * *

Alexandre Herculano foi victima de epithetos injuriosos, de insultos traiçoeiros; mas a sociedade d'hoje appellida-o o maior homem da península, e amanhã chamar-se-ha o maior do seculo.

O seu passamento deixa um vacuo immenso na nossa litteratura; e a mocidade actual ha-de resentir-se visivelmente d'essa falta, pois já não ouve as lições do seu conlheiro, do seu mestre amantissimo.

E o maior monumento que lhe podemos levantar é uma eschola sobre os seus livros.

Estudemol-o, pois.

Alexandre Herculano possuia uma alma tam sensivel que se confrangia ao menor grito do infortunio. E depois de aconselhar o trabalho como meio de regeneração social,

quize provar que dava a lição e o exemplo, e eis-o trocando a penna pela charrua, os ocios amargos da litteratura pelas fadigas do campo.

Fallava da caridade e soccorria o indigente, fallava do trabalho e affirmava pela theoria a sua evangelisação.

Não era um reformador vulgar; era um Christo moderno.

Perdoe-me, leitor, a divagação que se segue; seja ella um tributo consagrado a esse genio que aconselhava o amor da familia, do trabalho e da religião verdadeira como o melhór cimento das instituições que visam á realisação dos problemas sociaes.

O homem, por um completo systema de affeições e necessidades, foi obrigado a constituir no meio d'este mundo commum—um outro mundo que lhe preenchesse o vacuo da soledade que o impellia para a tristeza e para o tedio, e, segundo a lei da harmonia impressa na sua propria organização, creou a familia, impondo-lhe uma serie de obrigações todas agradaveis, que a conduzisse, pois, sem esforço á realisação do seu fim geral.

É na familia, n'esse microcosmo creado pela vontade do homem para a vida do coração, que florescem a virtude e o amor, a fé e a innocencia, a dedicação e a coragem, e todos os sentimentos que fecundam a legitima felicidade.

É ahi, n'esse pequeno eden onde não serpeia o genio da tentação, que o homem repousa das fadigas, e que encontra a mão abençoada que lhe enxuga as bagas do suor.

É ahi, n'esse jardim—onde não medram as manci-lhas e os cardos, que o individuo vê os seus sonhos tomarem vulto e fórma, e as suas esperanças louçanias reaes.

Não ha nenhum periodo em que não se manifeste o amor da familia. Quando entramos no circulo da vida, rodeiam-nos logo os cuidados e as alegrias da familia; e quando a morte, a ceifadora eterna, desce a tombar a messe, encontramos sempre algum braço que nos ampara a cabeça ao resvalarmos para o tumulo.

A familia que se ampara no trabalho, que faz d'elle uma religião, e que repousa a fronte no regaço da virtude como o bom crente no regaço da fé, póde chamar-se verdadeiramente feliz:— possui a saude que é a satisfação do corpo, e o sentimento do bem que é a saude do espirito. E embora a indigencia vá sentar-se á sua mesa, deixando lá fóra a deshonra; embora o infortunio agúe as suas esperanças, apressando-lhe o quadrante da vida, não se desviará da norma que a virtude lhe traçou, e passará tranquilla pelo meio da pobresa, como o viajante corajoso pelo centro de uma floresta batida por vendavaes.

O indigente, ainda mesmo aquelle que se envolve nos andrajos, e que tem por enxerga e guarida o granito das ruas, os porticos das egrejas ou a soleira dos palacios, não é verdadeiramente pobre, se ainda possui alguns restos de dignidade, se ainda tem forças para repellir o crime—quando a miseria o atormenta!

O homem que estende a mão á caridade, ou ao trabalho—se ainda possui algum vigor—não sentirá corroer-lhe as entranhas o abutre da fome, nem os seus dentes rangerão pelo travor da blasphemia, porque lá vae seguindo amparado pela magestade da consciencia.

O trabalho e a caridade são a unica e verdadeira solução do problema do pauperismo, d'esse velho problema que todos os legisladores e philosophos procuraram revolver para bem do homem considerado escravo, e para bem d'este tornado machina vilissima.

A caridade, esse legitimo sentimento que faz vibrar

toda a gamma da sensibilidade, esse instincto superior que a phantasia religiosa e a poesia de todos os seculos personificaram, e a quem a piedade erigiu trabalhosas estatuas de porphyro e ouro,—é o iris da miseria, o leme da orphanidade, o talisman da fome, a estrella polar dos naufragos da sorte, e o magnete seguro dos foragidos sem rumo.

A caridade, finalmente, desconhece obstaculos quando tracta de soccorrer alguém; é firme na pratica do seu dever, e leva a abnegação a ponto de se esquecer de si propria.

Erraram os antigos pintando cega a justiça; se vendassem a caridade com mais acerto obrariam, porque esta não vê os maus nem os inimigos—quando tracta de prodigalisar consolações; não necessita vêr aquelle que soccorre, porque não espera d'elle recompensa.

A caridade é a primeira na praia a agasalhar o naufrago, dá ao orphão a apoiadura do seu peito, entra nos tribunaes, desce ás enxovias, rouba o demente aos insultos da canalha, o faminto ás humilhações do farto, e arranca dos bordeis a criminosa—que muitas vezes restitue a sociedade arrependida e boa.

A caridade é o Deus na terra.

A alma de Alexandre Herculano abria-se ás lagrimas do infortunio e chorava com ellas no silencio intimo, quando não manifestava publicamente a sua dôr por intermedio da imprensa.

Quando as freiras de Lorvão, no ultimo quartel da vida, pediam a Deus nas suas orações piedosas um bocado de pão para matarem a fome, Alexandre Herculano, sabedor de tamanho infortunio, vem á imprensa implorar para ellas a compaixão publica, dando assim uma lição se-

vera, como todas as suas, ao clero que deixava morrer de fome essas irmãs purissimas do Christianismo.

Extractemos um periodo da carta em que elle pedia a Serpa Pimentel, para que, por intermedio da sua folha, chamasse em auxilio d'essas pobres mulheres o anjo da caridade.

Eil-o:

«... com o seu coração, com os seus principios e re-dactor de um jornal que tem largas sympathias, sintase grande e forte pondo a sua penna eloquente ao serviço da desgraça e da fraqueza. Faça-o, meu amigo, faça-o! Peça esmola para as freiras de Lorvão, que foram ricas e felizes na mocidade, e que na velhice teem fome. A velhice é santa!»

Quão eloquente e sincera é a carta d'onde extractamos esta pequena parte!

E houve alguém que se atreveu a pôr em duvida os sentimentos religiosos de Alexandre Herculano!

O clero fanatico, olvidando as doutrinas de Jesus — para obedecer sómente ás imposições da curia romana que, pelo seu egoismo, ou sêde de reinar, tem sahido da esphera dos seus elevados destinos, profanando o espirito da doutrina moral em guerras civis e questões especulativas, ousou um dia morder como hydrophobo a alta reputação do sabio que nunca cedeu ás suas doutrinas e convicções, e que sabia mais do que a curia romana a letra do evangelho.

«Oxalá, dizia o mestre, venha em breve o dia em que o clero d'este paiz possa receber uma educação digna do seu elevado destino, e conhecer, por estudos severos e bem dirigidos, que o ser christão não é ser nem hypocrita nem fanatico».

Isto é que é a verdade.

Alexandre Herculano, cansado de lutar com um *systema de organisada aggressão*, servindo-me da phrase do mestre, e desgostoso sobremodo pelos odios que levantaram contra elle, e pelos injuriosos epithetos com que o clero, refratario á instrucção e á moderação aconselhada pelo Evangelho, costumava acompanhar sempre o nome honrado do luctador, resolveu entregar-se á vida rural, e, comprando uma quinta em Val-de-Lobos, em breve imitou Cincinnati. Robusteceu os musculos cansados pelo compulsar dos archivos e chronicas no trabalho moderado da vida campestre, e o espirito fatigado pelas enredadas investigações com que ia conquistando a verdade para a historia d'este paiz — no convivio intimo da lareira, e nos quadros poeticos, de sublime colorido, que a natureza desenha e recompõe.

Alexandre Herculano, começou então a mostrar certa repugnancia ao tracto das letras, não porque as não estimasse muito, pois a vida por longo tempo lh'as consagrara, mas porque o recordal-as era doloroso para o martyr; porém alguns amigos e o proprio editor resolveram não o deixar morrer de todo para a litteratura, e pediram-lhe em nome da amizade particular e da veneração publica — para que revisse alguns do seus trabalhos cujas edições estavam esgotadas, ao que Alexandre Herculano annuiu, entregando-se de novo ao labor da intelligencia.

Alexandre Herculano, philosopho em quem predominava o gosto da reflexão e o senso da verdade, considerava a idéa de Deus, não como uma descoberta do homem, um fructo da applicação do entendimento ao estudo da natureza, mas como uma idéa ingenita — indispensavel á vida do coração, uma como que expressão de Deus em nós; e eis a razão porque este espiritualista racional procurava destruir tudo o que podesse recalcar essa idéa sublime — que é o principio da felicidade humana e a garantia infallivel da ordem publica.

Alexandre Herculano bem sabia que o materialismo não pôde satisfazer os interesses moraes dos povos, porque, apesar de ter ampliado muito a esphera das sciencias naturaes, tem restringido bastante o predominio da religião — um dos elementos da vida racional e o incentivo poderoso para o convivio das almas.

A metaphysica — exposta em condições scientificas — é a unica que pôde estabelecer, em nome da razão, a paz dos espiritos e a ordem social, como observa Tibérghien.

É a idéa da Divindade que faz com que o homem comprehenda o seu dever como ser collectivo e o seu fim como ser moral; é ella que o prende á vida dos affectos, que o vincula á familia, e que lhe dá as noções da honra e da virtude — tão necessarias para a boa harmonia social como para o merito da propria consciencia.

Importa muito ao homem o conhecimento de si proprio, este principio constituia uma maxima dos antigos philosophos; ora conhecer, é comparar; onde havemos, pois, de procurar o typo comparativo? Nos animaes? Por certo que não, porque o homem tem a consciencia da superioridade. E não se encontrando na escala zoologica o meio de comparação, onde havemos, pois, encontral-o? — Em Deus, que é a unidade, o archetypo.

O espirito, pela synthese, eleva-se á noção de uma lei

única, que é a acção do pensamento divino; é que Deus é a synthese idealizada do pensamento humano.

Toda a ordem ou methodo suppõe uma intelligencia. Se analysarmos um livrò de Historia natural, por exemplo, *O Reino Animal distribuido segundo a sua organisação*—de Cuvier, reconhecemos immediatamente que este naturalista era dotado de uma intelligencia intuitiva admiravel; e se os anneis da cadêa zoologica se succedem sem interrupção alguma, se existe em todo o plano da criação uma harmonia que nos desumbra o espirito, porque não havemos de reconhecer a existencia d'um obreiro universal intelligente?

Poderão dizer-me, a harmonia que se encontra na natureza é devida aos trabalhos da materia; a isso responderei eu então como o grande mathematico inglez: «O olho poderia ser formado sem conhecimentos de optica?».

Não levo mais longe esta divagação que eu basiei em idéas associadas—para não me affastar do ponto capital.

Mais uma palavra, e concluiremos.

Os materialistas dizem que podemos ser levados unicamente ao conhecimento das cousas pelo empirismo; mas para se obter o conhecimento empirico ou pratico é indispensavel o conhecimento puro. Vejamos. Pelo orgão visual ou pelo tactil temos a certeza da existencia d'um objecto; porém para o conhecer é necessario comparal-o, e isto implica idéas de ordem, connexão, consequencia, etc., que são dadas unicamente pelo conhecimento puro. Logo, o conhecimento d'um objecto não é só um resultado empirico, é mais alguma coisa, é o resultado na combinação de dous elementos distinctos, um procedente do conhecimento pratico e o outro do conhecimento ideal.

Direi, finalmente, como Hegel, que muitos negam a faculdade intellectiva, e são obrigados a servirem-se da intelligencia para a formação das suas idéas.

Alexandre Herculano na sua *Harpa do Crente*, sagrou ao Creador, em horas de sincero arroubamento, cadenciosos hymnos; e muitas vezes a familia ou os amigos encontravam-no absorto nos paineis das collinas e risonhas varzeas, porque via impresso na natureza o cunho magestoso e real da intelligencia sempiterna. E quando o anjo da morte veio resgatal-o do exilio, Alexandre Herculano, antes de partir, quiz saudar o sol, não porque elle fosse adorador do sabeismo, mas porque via n'esse astro a magestade d'um Deus. Esse aspirar pela luz era o prenuncio da liberdade da alma!

Alexandre Herculano, tendo sempre patente a idéa de Deus, havia forçosamente de ser religioso, e era-o sem mistura; isto é, como a sua intelligencia era esclarecidissima, apartava o que era pura invenção do homem, e acatava unicamente os preceitos da religião verdadeira.

Este homem não possuia o sentimento do egoismo, tam enraizado na geração actual, e que, não contente de invadir a trama civil se vae impregnando nas instituições religiosas. Não lisongeava os principes nem as paixões das turbas, porque era simplesmente vassallo da verdade. Nunca acceitou condecorações nem habitos, porque sabia quão pouco escrupulosa é a munificencia regia. Amava a liberdade e combatia o fanatismo, porque este é o germen da escravidão, a anarchia dos espiritos, e o inimigo da tranquillidade publica. Era sempre o primeiro a estimular o que lhe pedia conselhos em materia litteraria. As portas da sua casa nunca se cerraram a ninguem; o pobre e o rico eram recebidos com a mesma franqueza, se ambos eram honrados. «Quem é, que entre, se é honrado?» dizia o mestre, a quem o procurava. Nunca sacrificou a sua consciencia ao egoismo ou a paixões menos nobres, e foi sempre coherente com as suas doutrinas e principios. Odiava o luxo

superfluo da côrte e a ostentação ridicula. O seu coração era sempre o primeiro na cruzada da desgraça, e muitas vezes se pôz em campo em defesa da justiça. Nunca se desviou da norma da verdade, e seria capaz de dar a vida por ella se alguém ousasse recalcal-a. E nas luctas que sustentou com o clero não sahiu nem um só instante do campo da moderação e da lealdade.

Serviu a patria como soldado, como escriptor, e como lavrador; e sob estas tres phases amou sempre a justiça, a verdade e o trabalho. Foi bom marido, bom amigo, e bom companheiro. A esposa ergueu-lhe um altar sobre o amor, os amigos sobre a fraternidade, e os seus companheiros de trabalho sobre a honradez.

Todos o choram, todos o admiram.

As gerações futuras hão de levantar-lhe um monumento, não de bronze ou marmore, porque tudo isso póde desaparecer na voragem do tempo, mas um monumento moral, isto é, hão de constituir um novo evangelho baseado nas ideias do grande reformador.

Alexandre Herculano foi tambem martyr das suas doutrinas; soffreu perseguições tam cobardes que lhe trouxeram o desalento. Quizeram conduzil-o ao calvario das affrontas supremas, porém morreu, com a resignação nos labios, na cruz das suas convicções.

Não póde haver acção sem reacção.

Quando Christo, esse fundador sem igual, veio estabelecer uma sociedade sobre os destrôços de uma outra, dando á justiça a sua sancção, ao amor o seu brilhantismo, ao trabalho o seu direito, e á liberdade o seu imperio, os espiritos fracos, as almas pervertidas e anuviadas, moveram-lhe guerra obstinada, porque o seu codigo era um manifesto solemne e eloquente contra a anarchia que então lavrava nos espiritos, e contra a escravidão que ia relaxando os musculos sociaes.

A reacção deu-se, a lucta travou-se, mas Jesus que evangelisava uma doutrina emanada de cima, sentia-se sempre forte, sempre novo, sempre rico de ideal, e não o intimidavam as ameaças nem os obstaculos que lhe levantavam na passagem; transpunha-os como a torrente os açudes, ou como o sol as nuvens quando a tormenta as encastella ou congloba.

E o Evangelho de Jesus foi accete, e as doutrinas da nova philosophia impregnaram-se em todo o organismo social a despeito dos inimigos da liberdade e da justiça, a despeito da raça dos escribas e phariseus.

Nas sciencias apparece tambem a reacção, marcha ao lado d'ellas até um certo ponto.

Aristarco de Samos, por sustentar que a terra e outros planetas se moviam em torno do sol immovel no centro da terra, foi accusado de perturbador do descanso dos deuses Lares, porque então predominava a idéa da immobildade do globo.

Galiléo, que mais tarde veio confirmar pela sciencia o que Aristarco de Samos e mesmo Philomau e Pythagoras haviam suspeitado, foi victima da orthodoxia que sustentava que as idéas do sabio iam de encontro áquella phrase da Escriptura: «Terra in æternum stat».

Rogério Bacon que foi o primeiro a estabelecer um plano systematico, ou a reunir em um só corpo d'obra todos os conhecimentos humanos, foi accusado pelo clero que quiz impedir os passos á sciencia.

Jordano Bruno que no seu livro *Del'infinito*, etc., sustentou que cada estrella era um sol em volta do qual giravam planetas eguaes á terra, e que deviam existir mais que os conhecidos, foi accusado de impio e condemnado á fogueira.

João Huss, por ter combatido muitos abusos do clero e muitos erros sancionados pelos concilios, foi queimado vi-

vo no meio dos apupos e ironias da canalha que sob o estandarte da *Misericordia*—praticava delictos e cruezas, que os tyrannos do velho mundo nunca realisaram.

E, finalmente, Copernico que destruiu, depois de 30 annos de aturada observação, o systema de Ptolomeu ou o systema das apparencias, tambem não foi poupado pela sanha clerical.

Muito tinhamos para dizer sobre este assumpto, se nos quizessemos demorar em divagações.

Mas Aristarco de Samos, Galiléo, Bacon, Bruno, Huss e Copernico, triumpharam, porque sustentaram a verdade e a verdade implica a victoria. Embora o clero queira pôr um dique ao progresso das sciencias, estas zombarão da impotencia do erro que lá ficou soterrado na vala do passado.

Tambem Alexandre Herculano triumphou, porque elle evangelisava a verdade, e este apostolado não morre, antes com o tempo se vae fortificando.

Este sabio, levado talvez por um sentimento de patriotismo, começou um dia a escrever a historia d'este paiz; e como o seu fim era unicamente encadeiar factos, entendeu que, para a gravidade d'ella e para credito mesmo do auctor, devia emancipal-a de certas chimeras que a deturpavam, e deixou de mencionar o milagre de Ourique, passando depois a esphacelar muitos erros historicos com o bem temperado escalpello da sua critica austera, mas ao mesmo tempo conscienciosa, desapaixonada.

Porém uma parte do clero estribado em hypocrito ou mal advertido zelo, quiz vêr n'esse empenho do historiador um acto de impiedade monstruosa, que devia chamar sobre a cabeça do heretico todos os raios de Jupiter *Romanus*.

E de facto o clero fanatico (não fallo do clero illustrado e digno, refiro-me unicamente ao vulgo ou á plebe clerical) pediu em altos brados o exterminio do reprobado.

Se a turba tonsurada se apresentasse francamente na estacada da imprensa onde a honra é um dogma, se refutasse com argumentos historicos e dentro dos limites da moderação as razões adduzidas pelo historiador, nobre e altamente louvavel seria o seu empenho, porque combatia dentro da esphera das suas attribuições; mas isso não fez ella! Como não pudesse atacar de frente o imparcial historiador, ou por temer a logica do philosopho ou o grande estudo do sabio, entrincheirou-se no pulpito, e da cadeira d'onde só deve descer o verbo da verdade — fez baixar palavras jámais pronunciadas por boccas profanas.

Ouçamos a victima :

« Do pulpito de uma das egrejas de Braga, da antiga metropole, onde ainda devem estar bem vivas as memorias do veneravel Caetano Brandão, do illustre prelado que pretendia reformar o breviario e missal bracharenses por causa *das suas intoleraveis patranhas e falsidades* (phrase do grande arcebispo), o meu nome foi lançado ás multidões ladeado dos epithetos de hereje, de impio e de outros semelhantes. Um egresso fanatico e ignorante (como o são centenares de sacerdotes no meio do nosso clero, que não recebe ha muitos annos nem educação moral nem educação litteraria) cubriu-me de injurias diante de um concurso numeroso, segundo me informaram, porque no meu livro usara do direito de historiador, qualificando devidamente essas intelligencias vastas e energicas, mas corruptas, violentas e cobiçosas que cingiram a thiara papal, e que se chamaram Gregorio, Innocencio ou Honorio. (*Opusculos*, pag. 6, tomo III — *Eu e o clero.*)

A reacção ultramontana estabeleceu primitivamente o seu centro de acção na cidade de Braga, mas depois, como o silencio justificado da victima desse coragem a esse partido aggressor, silencio que não comprehendeu porque o votara á conta de impotencia, levantou o arraial e foi acam-

par em Lisboa—para ficar mais perto do inimigo a quem não eram estranhos os movimentos da hydra.

O clero fanatico via em Alexandre Herculano um Calvino ou um Lutero; mais ainda—um assassino da consciencia religiosa; tinha-o como o antichristo do apocalypse, e julgava accção meritoria o chamar sobre a cabeça do impio o gladio dos anathemas romanos, porque, na sua cegueira, pensava que as iras do Vaticano poderiam coactar a liberdade do pensamento.

A Egreja catholica, desenganem-se, vive da propria liberdade (não toma a palavra liberdade por synonymo de licença); e a morte da egreja protestante está na propria immobilidade.

A Egreja catholica, como mãe amantissima e conselheira judiciosa que é, tem rigoroso dever de indicar o crime ao transgressor, porque é mesmo de materia criminal não castigar sem previamente se provar o delicto; ora não me consta que os inimigos de Alexandre Herculano, que se diziam dentro da egreja, provassem em termos precisos aquillo de que o accusavam. Ou havemos de convir que o proceder d'elles era filho de uma cegueira partidaria puramente temporal, e portanto injusta a aggressão, ou então havemos de confessar que os antagonistas do grande historiador andavam muito affastados dos preceitos da Egreja, o que equivale ao mesmo.

Errar é proprio dos homens, dil-o a maxima latina, e vem em sua confirmação os desacertos dos que se dizem *infalliveis*; portanto nada mais natural do que Alexandre Herculano haver-se enganado uma vez; e se os inimigos d'elle houvessem provado o facto da impiedade ou da heresia, os meus sentimentos religiosos, por certo, que me não permittiriam auxiliar a defesa do atheïsta ou do heretico.

E se em qualquer epocha da minha vida alguem me

convencer da impiedade de Alexandre Herculano, serei o primeiro a rasgar publicamente os escriptos em que o defender, e juro sobre a minha palavra de honra, que publicarei em todos os periodicos o meu desacerto.

Grande pezar tenho em não poder apresentar com todo o relevo e verdade o vulto olympico de Alexandre Herculano, d'este homem que nunca teve uma pequenina mancha na vida publica, e que na vida particular se houve sempre com a magestade dos grandes corações. Mas como felizmente não estou só no campo liberal, espero, para honra d'este paiz e para desaggravo ou realce da propria verdade, que alguém mais authorisado do que eu venha remir d'eros extranhos a historia exemplarissima d'este homem.

A honra d'Alexandre Herculano ha de passar como um proverbio; e se a posteridade quizer modelar um dia o vulto d'este homem, deve esculpir-lhe no peito a honradez, na frente os traços ideaes do talento, nos labios, se poder, os da brandura tambem, e nos olhos o lume da verdade. Na dextra deve collocar-lhe uma espada, não tinta de sangue, e na lamina estas palavras do patriarcha de Ferney «*J'écris pour agir*», e na outra a relação completa dos seus livros; aos pés o genio do fanatismo exausto e recalcado, mas forcejando ainda por lançar as unhas á *Historia da Inquisição*, e no plintho do monumento esta phrase consagrada pela posteridade a Voltaire: «*Son esprit est partout*».

Abramos agora um parenthesis.

Quando ha pouco increpamos o partido legitimista, não foi nosso intento, seja dito para desaggravo da verdade, abrangel-o todo.

No partido legitimista militaram homens respeitaveis; e grande injustiça seria, pois, lançar ao olvido a sua nobreza de character.

Quizemos referir-nos unicamente a alguns homens, que

depois da lucta, desejaram renovar odios entre irmãos — a fim de lançarem outra vez este paiz nos horrores d'uma guerra civil.

A guerra é a peor das calamidades ; faz perder em um só dia o que levou annos a conquistar; assemilha-se a uma d'essas enormes mangas d'agua que alagam uma cidade inteira, reduzindo-a depois a um medonho cahos, d'onde para brotar a luz são precisos annos e milhares de sacrificios.

Franklin fez mais do que Napoleão ou Cezar.
Fechemos o parenthesis.

Quando Alexandre Herculano começou a combater o fanatismo que então campeava impunemente, houve alguns individuos, que, rebuçados na capa miseravel do anonymo, atiraram á publicidade como filhos espurios varios folhetos contra o historiador, e entre esses detractores officiosos appareceu um que teve a temeridade de se apresentar na liça com a viseira alta; chamava-se elle Francisco Recreio, padre muito erudito, mas de temperamento atrabilário, de quem Innocencio da Silva disse duas verdades amargas no seu *Diccionario*.

Vejam as palavras de que esse padre se serviu, referindo-se á eloquente carta que o grande historiador enviou ao patriarcha de Lisboa, pedindo-lhe que aconselhasse ao clero ignorante mais moderação e menos hyprocrisia:— «*carta monstro, penna furiosa, juiz mesquinho, desabrido arguidor*»¹ etc.

Vejam o que diz o distincto bibliographo, occupando-se do tal padre :

¹ Justa desaffronta em defeza do clero, ou refutação analytica do impresso—Eu e o clero, etc.,

«Seria para desejar, para honra das lettras e por dignidade propria do auctor, que n'estes escriptos elle guardasse um termo mais decorozo, e não se transviasse a cada passo em manifestação de odio e resentimento pessoal contra o seu contendor.»

Francisco Recreio, que repetia sempre «*a verdade acima de tudo*», era o primeiro a mostrar nos seus escriptos que estava em completa antithese com o que dizia: o odio era o unico impulsor da sua penna.

Abramos um outro escripto do atrabilario sacerdote.

A pagina 6¹ encontra-se a seguinte tirada, que offerecemos á consideração do leitor illustrado.

«É um alto disparate pretender que a fantasiada opinião de um só individuo tenha mais pezo e quilate na balança da credibilidade, que o voto unanime e constante de innumeraveis Escriptores, cujos assertos sobre maneira illustrados ineluctavelmente condemnam e estigmatizam o façanhudo desvario. — Este arrojo, por certo, filho nedio e taludo de uma filaucia, e egoismo litterario de marca a mais tudesca e alarvajada; é a todas as luzes do numero d'aquelles, que não podem apparecer no vasto campo da publicidade sem provocarem a mais espontanea e ribombante pateada! Intentar por acinte e rexa velha demolir do alto grão, e cathegoria, em que sempre, historicamente fallando, fôra tida em todo o universo a idéa, o pensamento predominante ácerca da grandeza verdadeira e real da Batalha de Ourique; é esforçar-se por levar um dos mais eminentemente fanfarronicos projectos ao mais ridiculo dos estramboticos impossiveis! É radicalmente transtornar ou antes vilipendiar as idéas das cousas, e os vocabulos, que tão positiva e frisantemente as exprimem.—

¹ A Batalha de Ourique e a Historia de Portugal de A. Herculano. Contraposição crítico-historica.

Mas que podem, e valem no estadio da sciencia, escriptores de uma penna tão mesquinha, e anomala!»

A leitura d'este trecho inspira profunda tristeza, e mostra qual a ignorancia dos antagonistas do historiador, e como então eram tractados estudos de gravidade.

Dizer que o milagre existiu porque o affirmaram milhares de escriptores, é o mesmo que dizer—a terra é immovel, porque os povos da antiguidade estiveram sempre possuidos d'essa idéa, ou então negar as salutaes influencias da civilisação, porque Platão na sua *Republica* dissera que era necessario tirar a sociedade humana da fatalidade da mobilidade.

Ficamos por aqui, leitor, porque tencionamos voltar ao assumpto com menos precipitação e mais estudo.

Alexandre Herculano soffreu tudo com a resignação que caracteriza os grandes martyres; e tanto que tinha sempre palavras de perdão para os seus verdugos; nunca sentiu o travor do odio ou o sentimento penoso do rancor.

Caminhava acariciado pela idéa do futuro, porque, na sua alma, gerava-se a prophesia de que a posteridade havia de coroar os seus trabalhos, e com effeito assim aconteceu; o vaticinio do sabio não era vão.

A verdade triumphava sempre; esta velha maxima tem aqui cabal applicação.

A verdade é como um vaso de agua em que se lançou arêa; a principio o liquido fica turvo, mas depois que a arêa se precipita, mostra-se de novo em toda a sua transparencia.

O sabio luctou e luctou sempre; mas um dia appareceu o cansaço material, e, reclinando a fronte no regaço da esposa, adormeceu para sempre.

Alexandre Herculano não se mostrou espavorido, quando a morte se abeirou do leito; o justo não se arreceia d'ella,

porque durante a vida se preparou para a receber. E tal era a lucidez da sua razão, que, mesmo na intensidade da febre, o delirio não o fez desatinar.

Se isto se dêsse com algum membro do clero, talvez alguém lançasse o phenomeno á conta de milagre!

Ao vate desdobra-se o futuro, e o poeta adivinhou a morte.

Quando o sabio sentiu o approximar do passamento, chamou para bem juncto de si a virtuosa esposa; e depois de cravar n'ella um olhar eloquente, olhar cheio de magua e amor, pediu-lhe que abrisse as janellas do quarto, porque tambem desejava despedir-se das companheiras que o abrigaram por dez annos com a sua sombra, e que o illuminaram outros tantos com o seu óleo.

E o sol batia em cheio na folhagem do olival; nunca elle se mostrou tam viçoso nem o sol tão brilhante.

Pareciam querer dizer na sua linguagem muda e n'aquellas ostentações festivas, que, quando o justo morre, o pranteal-o é esquecer que o seu espirito não volta para Deus.

Alexandre Herculano teve uma morte bem semelhante á de Goethe; morreu, sorrindo-se para o sol. E esse adejar para a luz—era o prelibar dos gosos da immortalidade, era o premio que Deus concede á virtude na hora da transição.

O criminoso poderá morrer como Herculano?

Não; tem o remorso por seu algoz, e a lembrança das suas victimas torna-lhe a agonia n'um pesadello atroz.

E o justo tem o merito da consciencia por seu amparo, e a lembrança do bem que praticou torna-lhe o passamento n'um dormir suave.

Alexandre Herculano elevou-se tanto acima do nivel terreno, que ás vezes me confundo—quando tento medir o gigante, ou desacérto—quando penso em descrevel-o.

Logo que a noticia da sua morte se espalhou pelo paiz, não houve ninguem que não o pranteasse ; e, seja dito para honra do clero illustrado, as proprias folhas que militam no campo legitimista, noticiaram a sua morte com phrases bem sentidas, e tomaram parte no luto que se tornou geral.

Mas ainda assim houve alguns periodicos, que deixaram adivinhar nas suas expressões de sentimento alguns laivos d'odio—que deviam pelo menos dissimular, já que tam familiarizados andavam com esse sentimento despresivel.

Até no reino visinho houve uma folha que quiz bolçar sobre a memoria do historiador certas injurias, que eu não posso deixar de qualificar de cobardes e ridiculas á mingua d'outros termos.

Os chacaes acharam a occasião azada para cevar vinganças no cadaver ainda quente de Herculano ; mas foram obrigados a fugir, porque milhares d'homens velavam por elle.

Sempre cobardes!...

«Deus livrou-nos d'um heretico!» diziam os hypocritas e os ignorantes.

«Está no inferno a arder!» exclamava o clero fanatico, dilatando as azas do nariz, para vêr se o cheiro da carne lhe vinha lá das furnas deliciar o olfato.

Se o inferno é para os maus, como dizeis, já ha muito que Satanaz escreveu o vosso nome no livro dos condemnados; e mesmo os reinos de Platão precisam de *missionarios*.

Quando se verá livre o povo da tutela do fanatismo?

Mas a opinião de um os dous individuos poderá por ventura fazer peso na balança da opinião publica?

Que importa que dous papeis da imprensa insultassem a memoria do historiador, se a imprensa sensata os lançou ao desprezo?

Que vale o fanatismo querer chamar sobre a memoria do sabio vinganças senis, se as suas obras fallam mais alto do que a hypocrisia e a mentira?

Estavamos bem longe de imaginar que os inimigos de Alexandre Herculano levassem o seu odio pessoal a ponto de olvidarem que as inimizades não devem descer com o cadaver á vala; quedam á borda do sepulcro ainda mesmo quando justas, porque um cadaver tem alguma coisa de santo!

Mas não o entenderam assim os que viam em Alexandre Herculano um demolidor do edificio catholico, um repetidor d'aquelle «*Escrasez l'infame!*», que elle a repetir, seria contra a hypocrisia e o despotismo do clero.

Não admira que o fanatismo se erguesse altivo, porque um corpo elastico volta ao seu primitivo estado quando cessa a compressão; mas o que elle não sabia talvez é que a inercia é uma propriedade da *materia*.

O fanatismo campêa por toda a parte; vae minando as instituições, e destruindo á sombra da tolerancia da liberdade o que ha de nobre na sociedade civil e na familia tambem.

E quando toda a França se cobriu de luto, para acompanhar o féretro do eminente estadista até aos limites acanhados do sepulcro, houve um homem, um d'estes homens que adormecem sobre os bancos das praças, que despertado pelo ruido do cortejo funebre, se escondeu na redacção d'uma folha -- para d'ahi arremeçar á memoria de Thiers o que é tam familiar a elles nas rixas e contendas.

Sempre cobardes e sempre os mesmos!...

Mas Thiers triumphou pela *Historia da Revolução Franceza*, como Alexandre Herculano pela *Historia de Portugal* e pela da *Inquisição*.

Se o estylo é o homem, as obras são o seu pensamento.

O auctor deixa uma particula da sua vida em cada pagina.

Quando o braço de Herculano se paralysoou pela esterilidade da morte, deixando viuva a penna como o guerreiro a lança, o espirito religioso, que é o amparo dos inconsolaveis, espalhou-se por toda a parte, invadiu os templos, e foi depôr até corôas de saudades na campa do historiador.

Em Portugal não houve ninguem que se recusasse a officiar por alma de Alexandre Herculano; porém não aconteceu outro tanto no Brazil!

O clero fanatico da Bahia, calcando os preceitos da Egreja e mesmo todas as regras da liturgia, recusou-se obstinadamente a suffragar por alma do grande historiador, estribando-se em que elle não morrera no seio da Egreja!...

Um homem que péde esmola para as freiras de Lorrvão e para os egressos que morriam á fome, esquecidos dos seus irmãos em Christo; que repartia os seus escassos haveres pelos famintos, que era o primeiro a defender a justiça e a fraqueza, que lia o Evangelho e mesmo a Biblia, porque lá está o seu estylo biblico a attestal-o na *Voz do Propheta*, não morreu no seio da Egreja?!

Sempre queria saber o que o clero ignorante da Bahia entende por *não morrer no seio da egreja*, e o que pensa a respeito do espirito d'ella.

Os hypocritas, esses, é que vivem dentro do templo catholico, segundo a opinião do clero bahiense; e de feito tem razão, falla por experiencia propria!...

No Brazil vae medrando a arvore do fanatismo como em parte alguma; e é necessario que os liberaes convictos se capacitem de que ella quer enraizar-se em todas as instituições, para depois estender os seus braços até ao throno.

Que importa que o clero bahiense se recusasse a officiar?

Andaram até como Herculano desejaria, pois sempre detestou o zelo hypocrita e as momices do clero ignorante!

A Egreja tem sempre palavras de perdão para o transgressor, e mesmo que Herculano o tivesse sido, o clero tinha rigoroso dever de esquecer tudo, porque a morte santifica! Mas o clero bahiense que tinha ainda medo da resurreição material, entendeu que devia fazer pezar sobre a campa todos os insultos e anathemas suggeridos pelo espirito de maldade; e assim o fez, cuspindo affrontas d'um cadaver que tinha por defesa a propria immobildade.

— Alexandre Herculano não era catholico nem amigo da sua patria, porque, sem respeito algum pelas tradições, se empenhou em destruir muitos milagres que eram a base da historia! diziam os antagonistas do grande philosopho, ao que elle respondia:

«Ha muitos para quem os seculos legitimam e santificam todo o genero de fabulás, como legitimam e santificam as dynastias nascidas de uma usurpação. Aos olhos destes as cans da mentira são tambem respeitaveis. A critica, dizem elles, mata a poesia das eras antigas, como se a poesia de qualquer epocha estivesse nas patranhas mui posteriormente inventadas. São excellentes talvez as suas intenções; não sei se o mesmo se poderá dizer da sua intelligencia. Para estes o meu livro será um grande escandalo, e o melhor fôra deixarem de o lêr. Não faltam entre nós monographias historicas: lá acharão fonte copiosa em que possam saciar-se; porque eu escrevo apenas para os singelos amigos da verdade, e ainda receioso, apezar da pureza dos meus desejos, de não ser exacto, ou pela escaceza dos monumentos, ou por engano proprio na apreciação dos factos. Quanto a successos maravilhosos, a tradições embusteyras ataviadas para bem-parecerem ao vul-

go, não as busquem n'este livro os que, movidos por um falso pundonor nacional, seriam capazes de tomar por materia historica as lendas das Mil e Uma Noites, se lá encontrassem alguma que lhes lisongeasse o appetite ¹ .»

Um milagre qualquer, ainda que tenha a sanccão dos concilios, poderá por ventura servir de base a uma historia nacional?

Affirmar este desacerto—é desconhecêr completamente o que vem a ser a Historia.

O milagre é uma palavra sem realisação, e nunca a illusão serviu de base á realidade.

Antigamente o vulgo das nossas provincias via no céo cruces de fogo e espadas a batalhar; porém hoje já nada d'isso vê! É que o céo tornou-se concentrado, e já não mostra por signaes os acontecimentos futuros!

Antigamente um eclipse era um castigo de Deus! Quando a terra se escurecia, todos se ajoelhavam, vencidos pelo terror; porém hoje já nada d'isso fazem; defumam vidros para vêr o phenomeno, e já raciocinam sobre o caso!

Antigamente uma trovoada era tambem um castigo! Viam no Deus do amor o deus do Sinai; mas hoje que Franklin desafiou a faisca electrica e a sciencia explicou o phenomeno, tracta-se de oppôr ás iras do céo um invento do homem!

As illusões acabaram, este seculo é o seculo da verdade.

Porém ainda em algumas provincias nossas o clero fanatico vae entretendo a ignorancia do povo para interesse seu, mas para desfalque da philosophia de Jesus, que não aconselha a ignorancia nem o fingimento, o egoismo nem a superstição.

¹ Historia de Portugal—*Advertencia*

A esphera do sobrenatural vae-se restringindo á medida que a da civilisação se amplia.

* * *

Se Copernico dissipou todos os phantasmas da região dos astros, Bacon todos os da superficie do globo e Descartes todos os das profundezas da alma, como observa um metaphysico notavel, Alexandre Herculano, dissipou a enorme alluvião de fantasmas que pairavão por sobre a nossa historia.

Alexandre Herculano pugnou sempre pela emancipação da consciencia religiosa e pela liberdade politica; mas o clero fanatico até o accusou de haver feito pacto com Sananaz.

Quizeram atormental-o com todo o genero de accusações; e até chegaram a dizer que elle queria matar as tradições e a gloria nacional para vender esta patria a estranhos.

Mas Alexandre Herculano ia devassando os dominios da historia, sem fazer caso dos insultos e accusações com que o fanatismo e a ignorancia pretendiam chamar sobre o historiador o odio nacional.

E votaramao sabio tal rancor que o não poderam dissimular, quando a morte atirou o seu corpo para o banquete dos vermes e impulsou a sua alma para á communhão dos espiritos.

O nome de Alexandre Herculano é hoje repetido com immensa veneração; e depois da morte do historiador é que principiaram a fazer-lhe justiça! Não admira. Para bem se medir uma arvore colossal, é necessario que o mateiro a derrube.

A patria quer levantar-lhe monumentos; mas que lucra um povo com duas pedras que se levantem?

O melhor monumento que lhe podemos levantar é uma escola, onde se ensine a pronunciar o seu nome venerando, e a lêr os seus escriptos, para a criança se affazer depois a medital-os quando mais robusta.

Estudem-se, pois, as suas obras, que n'estes veios da Idéa ha a desentranhar muito ouro de lei.



DEDALUS - Acervo - MP-REP

928
H464m

Alexandre Herculano e o clero reaccionario:



21800005059

BIBLIOTHECA

DO

CURA DE ALDEIA

RUA DO ALMADA, 209-1.º

OBRAS PUBLICADAS

HENRIQUE PEREZ ESCRICH

O CURA DE ALDEIA, 3 volumes com gravuras . . .	2\$000
A CARIDADE CHRISTÃ, 3 volumes com gravuras. . .	1\$800
O AMOR DOS AMORES, 3 volumes com gravuras, (edição esgotada)	2\$000
O INFERNO DOS CIUMES, 3 volumes com gravuras. . .	2\$000
O ANJO DA GUARDA, 3 volumes com gravuras . . .	1\$800
OS DESGRAÇADOS, 2 volumes com gravuras. . . .	1\$200
O PÃO DOS POBRES, 2 volumes com gravuras e o re- trato do auctor	1\$000
A CAZACA AZUL, 2 volumes com gravuras e o re- trato do auctor	1\$000

ANTONIN RONDELET

A MINHA VIAGEM AO PAIZ DAS CHIMERAS, 1 vol. . . .	500
---	-----

JOAQUIM DA CUNHA CARDOSO

DEPOIS DO TRABALHO (poesias), um volume. . . .	500
AS MULHERES, refutação formal ao folheto OS MA- RIDOS, ultimamente publicado por uma socieda- de de senhoras desilludidas	200

N O P R É L O

HENRIQUE PEREZ ESCRICH

O PÃO DOS POBRES, 3.º e ultimo volume.	
RICO E POBRE, 1 volume.	
O PIANO DE CLARA, 1 volume.	

SOUZA MOREIRA

O CALVARIO DE MAGDALENA, 1 volume.	
------------------------------------	--